CAPÍTULO I
INFORMAÇÕES HISTÓRICAS E PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS NA BACIA DO RIO TROMBETAS

1. AS INFORMAÇÕES HISTÓRICAS

As crônicas dos viajantes europeus que narram a exploração do rio Amazonas durante os séculos XVI e XVII, trazem as primeiras referências da ocupação das regiões dos rios Nhamundá e Trombetas. Essas viagens tinham como propósito realizar a conquista, o levantamento das riquezas naturais e das populações e por fim, tomar a posse dos novos territórios encontrados. Os relatos, deixados na forma de crônicas e diários, apresentam as primeiras impressões a partir da visão européia do contato entre dois mundos completamente diferentes e desiguais. Nesse primeiro momento, as relações estabelecidas foram na maioria das vezes rápidas, porém impactantes e pode-se dizer que os viajantes encontraram as sociedades amazônicas vivendo ainda em condições de completa integridade (Barreto & Machado, 2001; Gomes, 2002).

A primeira crônica que registra a exploração do rio Amazonas foi a do frei dominicano **Gaspar de Carvajal** que acompanhou como cronista oficial a viagem de Francisco Orellana em 1541-42. A expedição chegou à foz do rio Nhamundá em junho de 1542 e segundo o relato do cronista *"... ao dobrar uma ponta que o rio fazia,* vimos *(víssemos) adiante branqueando na costa muitos e mui grandes povoados. Aqui demos de chofre na boa terra e senhorio das amazonas"* (Carvajal, 1941). Foi logo no começo dessa província, junto ao baixo Nhamundá, que teria ocorrido o combate com as mulheres guerreiras. Segundo Carvajal, eram em número de dez ou doze aparentemente comandando o grupo, pois se colocaram a frente para lutar contra os inimigos espanhóis. Algumas delas teriam morrido durante esse combate. O cronista relata o interrogatório de um índio aprisionado próximo ao local da luta, dizendo que este informou que as amazonas tinham suas moradas distantes de quatro a sete jornadas pelo Nhamundá acima. Segundo o informante, a senhora daquelas guerreiras chamava-se *Coñori* e dominava uma vasta área, inclusive sujeitando outros chefes como o senhor de toda aquela região, onde se encontravam. Disse ainda o índio, que o chefe daquelas terras se chamava *Couynco* e "*era mui grande senhor e (...) senhoreava até onde estávamos* [abaixo do Tapajós], *o que como tenho dito, faziam cento e cinqüenta léguas*" (Porro, 1986:58-59).

No decorrer da viagem, a expedição continua atravessando áreas densamente povoadas e chega a "*boca de um rio que entrava pela mão direita no de nossa navegação*

e tinha uma légua de largura" (Carvajal, 1941:70). Nesse rio foram atacados, mas conseguiram escapar, porém um soldado foi morto, vítima de uma flecha envenenada. Segundo o cronista, "*não entrou a flecha meio dedo, mais como trazia peçonha, não durou 24 horas*" (Ibid.:72). Em um dos combates nessa região, o próprio Carvajal foi atingido, ficando cego do olho esquerdo. Em sua narrativa o cronista não menciona como eram chamados os índios da região ou o nome do rio. Porém, considerando as distâncias e o tempo de viagem dos lugares anteriores, vários pesquisadores concluíram que este era o rio Tapajós. Palmatary (1960), por exemplo, cita inúmeras razões para esta afirmativa: o fato do rio Tapajós entrar no Amazonas pelo lado direito; o fato do fluxo de água no cruzamento dos rios seguir em direção ao Tapajós; os vestígios arqueológicos da área sugerem que a região era densamente povoada; e o fato dos grupos indígenas do rio Tapajós e os do lado oposto do rio Amazonas usarem flechas envenenadas. A região entre a boca do Nhamundá até as proximidades do rio Tapajós foi denominada por Carvajal de Província de São João porque chegaram ali no dia de 24 de junho (Porro, 1986).

No século XVII, acompanhando a viagem de Pedro Teixeira no período de 1637-39, estava **Mauricio Heriarte** que só escreveria sua crônica em 1662, vinte e três anos depois. Segundo ele, no rio Trombetas viviam os Konduris, os Bobuis, Aroases, Tabaos e Curiatós. Nos lagos da região, esses grupos indígenas praticavam a colheita de grande quantidade de arroz silvestre, aparentemente só para fazer bebida fermentada (Porro, op. cit.). O autor cita especificamente os Konduris em duas ocasiões, uma dizendo que os índios do rio Trombetas tinham "*os próprios ídolos, cerimônias e governo que têm os Tapajós*" e quando disse que os Tapajó e os Konduri tinham "*finissimo barro, de que fazem muito e bôa louça de toda sorte, que entre os Portugueses he de estima, e a levam a outras províncias por contrato*" (Heriarte, l874: 39).

Outro integrante da viagem de Pedro Teixeira foi o jesuíta **Alonso de Rojas** que acompanhou a viagem da cidade de Cametá no Pará até Quito no Peru. Sua narrativa contém poucas referências nominais a tribos ou localidades, porém faz referência a grande quantidade de tribos encontradas ao longo da viagem. Também relata a existência das amazonas, porém na região dos Omágua, no alto Amazonas (Rojas, 1941).

O frei jesuíta **Cristóvão de Acuña** acompanhou como cronista oficial a vigem de retorno da expedição de Pedro Teixeira, de Quito a Belém em 1639, também faz referência às amazonas. Refere-se ao rio Nhamundá como C*unuris* ou *Conduris*, que seria o nome do primeiro grupo indígena que ocupou a foz do rio. Mais acima deles viveriam os Apantos, de língua Tupi; depois os Taguaus, e finalmente os Cacarás, em contato direto

com as amazonas. Essas mulheres guerreiras viveriam em uma região montanhosa cujo pico mais alto se chamaria *Yacamiaba* (Ibid: 59).

O período dos primeiros viajantes foi seguido pela implantação do regime missionário. Nos primeiros anos de 1600 foram fundadas missões de várias ordens religiosas - capuchos franciscanos e principalmente jesuítas - na Amazônia. No ano de 1740 foi estimado que cerca de 50.000 índios encontravam-se vivendo em missões jesuíticas e franciscanas na Amazônia (Barreto & Machado, 2001).

Desse período citamos o relato do padre jesuíta **João Felipe Bettendorff**[1] que atuou nas províncias do Maranhão e Grão-Pará entre os anos de 1660 a 1698 (com algumas interrupções), exercendo inclusive o cargo de superior da Missão da Companhia de Jesus no Maranhão e Grão Pará em dois períodos. Em sua crônica apresenta algumas informações gerais sobre os povos que ocupavam a região dos rios Nhamundá e Trombetas.

Bettendorff informa que por volta do ano de 1658 o padre Manoel de Souza foi enviado como missionário para duas áreas: a primeira no rio Jurunas e a segunda no rio Amazonas. No Amazonas percorreu o trecho "*do rio Gurupá para riba para as aldêas dos mais afastados dos Tupinambaranas e Aruaquiz*" (Bettendorff, 1990:118). Seguiu catequizando em toda a região até que ficou doente e morreu "*em uma aldêa dos barbaros Condurizes... Foi enterrado em uma egreja que os indios mesmo lá fizeram, em reverencia de seu corpo ... morreu e se enterrou em os Condurizes, donde depois de muitos annos trouxe os seus ossos Simão dos Santos, sendo subprior da casa de Santo Alexandre do Grãopará, onde se enterraram na ermidazinha velha de S. Francisco Xavier...*"(Ibid:119).

De 1669 a 1674, Bettendorff exerceu o cargo de superior da Missão da Companhia de Jesus no Maranhão e Grão Pará. Entre as suas principais ações nesse período esteve visitar às missões da região. Em uma dessas viagens relata sua ida aos Konduri, dizendo: "*... fui-me aos Condurizes, da banda de além, pois pertenciam á visita do Padre Antonio da Fonseca. Muito me agradou a entrada para aquelle rio, e o rio não é só por grande e claro, mas por muito alegre, por suas bellas praias de arêa e lindos outeiros, que de uma e outra banda o acompanham. Queria ir vel-o até as cabeceiras, mas como achei ausente o principal, ido com a tropa do cabo João de Seixas, e a aldêa desamparada toda, sem egreja, por andarem os indios continuamente divertidos, fiquei*

[1] Em 1661 foi enviado para fundar uma missão entre os Tapajó.

obrigado a dizer missa em praia a alguns brancos[2]*, que lá achei, os quaes me fizeram presentes de uns passaros de muita variedade, de bellisimas cores, chamados aráras, que se acham naquella terra dos Condurizes, mais engraçados que em outras terras, e por isso os levei commigo, mui contente, para o Grãopará, donde mandei sete delles ao illustrissimo senhor Nicolaini, o qual os tinha pedido com muito encarecimento, estando eu com elle em Lisboa, e me escreveu de Pariz que os não recebera por terem feito todos naufragio pelo mar, porém ficava muito agradecido, esperando que outros que viessem não teriam a mesma desgraça .Continuei minha viagem pelo bello rio das Trombetas, e percorrendo as aldêas principais pelo rio das Amazonas abaixo e pelas ilhas dos Ingaybas, dei commigo em Parijó, aldêa principal da Capitania de Cametá*" (Ibid: 499).

No ano de 1693 a Companhia de Jesus faz a divisão das missões amazônicas sob sua tutela, uma vez que não tinham religiosos em número suficiente para atuar em toda a região. As missões foram divididas com as ordens religiosas da Piedade, de Santo Antonio, do Carmo e das Mercês. Foi acordado que todas as missões que estivessem localizadas ao sul do rio Amazonas ficariam com a Companhia de Jesus e as que estavam ao norte foram assim divididas: os padres de S. Antonio ficaram com a missão dos Aruãs, *"pela costa da ilha Grande de Joannes com as do Norte, pelo rio das Amazonas acima, até Urubuquara, inclusivemente, e os reverendos padres Piedosos pela mesma banda do Norte, as missões de Gugupatyba, Quiriry, Xingu, rio das Trombetas e dos Jamundazes. Os reverendos padres das Mercês as de Anibá e Urubu,...; e os reverendos padres do Carmo as do rio Negro e de lá para cima, de sorte que todas as missões da banda Norte ficassem com os missionários daquellas religiões"* (Ibid:543). Assim, a partir dessa data a região dos rios Nhamundá e Trombetas deixaram de ser gerenciadas pela Companhia de Jesus e passaram à tutela dos padres da Piedade.

As organizações religiosas designadas para atuar na Amazônia encontraram as populações locais já sob o impacto do primeiro contato e elas próprias foram responsáveis por mudanças mais radicais com a implantação de um regime desestabilizador em nome da doutrina cristã. Apesar disso, foram os missionários que legaram os relatos mais detalhados sobre aspectos sociais, religiosos e ainda sobre a cultura material dos povos amazônicos a época. Isso porque a relação estabelecida entre os eles e os índios foi de natureza pacífica e prolongada, porém dominante (Gomes, 2002). Assim, pode-se considerar o ano de 1661, quando o Padre João Felipe Bettendorff estabeleceu a missão na

[2] Nimuendajú comenta esse episódio dizendo: *"This was obviously the end of the Kondurí tribe; the erection of a fort near the mouth of the Trombetas in 1698 may have contributed to this"* (Nimuendajú, 2004:140).

foz do rio Tapajós, onde atualmente esta situada a cidade de Santarém, como a data do início das trágicas transformações a que seriam submetidos os grupos naquela região e arredores. No dizer de Porro (1986:10), *"quaisquer que fossem as motivações e os planos dos colonos, missionários e comerciantes, o que eles deixaram atrás de si foi, na melhor das hipóteses, um processo de deterioração das condições sanitárias, demográficas, econômicas e finalmente, culturais, das comunidades indígenas"*.

Os descimentos – aglomeração de povos de diferentes etnias em um mesmo local (aldeamento) com o objetivo de submetê-los a catequese – foram uma das práticas a que se submeteram os grupos indígenas em todo o rio Amazonas. Essa medida - que impingia a convivência, certamente nada fácil, de grupos com costumes, valores e idiomas diferentes, além do abandono de seus territórios - não foi aceita sem resistência, levando muitos povos indígenas fugirem para o interior.

O arqueólogo Peter Hilbert ao apresentar os fatos históricos sobre a ocupação da região do Nhamundá-Trombetas menciona a resistência de algumas tribos ao domínio europeu. Segundo ele, pode-se atribuir a primeira intervenção jesuítica na área quando entre os anos de 1658 a 1660, o padre Salvador do Valle deslocou os 600 índios Pauxi do rio Xingu para um aldeamento próximo à foz do mesmo rio. Após isso, não foram registradas mais quaisquer notícias sobre eles na região do Xingu. Porém, no ano de 1697, foi fundado o forte de Pauxis na margem esquerda do rio Amazonas no local em que atualmente está localizada a cidade de Óbidos e onde existe um lago com o mesmo nome. Existem notícias que próximo ao forte havia duas pequenas aldeias e ainda uma terceira um pouco mais distante. Os nomes das aldeias permanecem desconhecidos, mas sabe-se que em 1758, elas teriam se fundido formando a Vila de Óbidos (Hilbert, 1955). Nimuendajú considera que *the Aldêa (the present Obidos) built by fort no longer belonged to the Kondurí but to the Pauxis, a Tupi tribe that had been transferred to this location by Jesuits at Tapará near the mouth of Xingu early in 1658* (Nimuendajú, 2004:140).

Ainda sobre a fundação do Forte Pauxis, Hilbert (Idem: 8) observa que "*o padre Fritz fala da tribo dos Cunurizes e no seu mapa de 1691 coloca-a exatamente no ponto em que o forte iria ser construído 6 anos depois. Quando Olga Coudreau levantou o mapa do rio Cuminã ou Erepecurú, em 1900, um descendente de escravos fugitivos vivendo nêsse rio, informou-a que uma tribo denominada Pauxi habitava nas cabeceiras do Água-Fria, Penecura e Acapú Bayous, tributários direitos do rio Erepecurú, pouco acima da boca. De acordo com essa informação, a tribo tinha primeiro vivido em Óbidos mas, antes da chegada dos civilizados, retira-se para o Erepecurú, depois para a boca do Penecura e,*

finalmente, para as cabeceiras dêste rio. Depois de 1877 interromperam-se suas relações com os escravos fugitivos. Do mesmo informante obteve Coudreau uma lista de 38 palavras. A língua é caribe, mas difere do dialeto Kaseuña (Cashuená) do rio Cachorro, seus mais próximos vizinhos, e do dialeto dos Pinacotó do alto Erepecurú. Os Pauxi há muito tempo não mais existem". Segundo Nimuendajú (*apud* Hilbert, 1955), a palavra Pauxi seria carib – *pausi* ou *paushi* – cujo significado seria mutum[3]. Assim, o autor parece sugerir que a vila de Óbidos surgiu da reunião dos índios Pauxis oriundos do Xingu com os Konduri que já estavam na região.

O etnólogo **João Barbosa de Faria** esteve na região entre 1928 e 1929, como integrante da Comissão do Marechal Cândido Rondon. Segundo ele, a bacia inferior dos rios Trombetas e Nhamundá era habitada por cinco grupos indígenas de origem comum: os Uaboí, os Conori, os Querena, os Paracoimã e os Paracuatá. Esses grupos abandonaram a área na primeira metade do século XVIII indo para o baixo Nhamundá na altura da foz do Praracatú. Esse movimento teria acontecido por que os índios Pauxi, que se encontravam sobre a catequese da Ordem da Piedade, rebelaram-se e fugiram para o Trombetas onde se refugiaram entre os Uaboí. Foram enviadas tropas para capturar os fugitivos, o que levou os Uaboí a se deslocar para o baixo-Nhamundá em 1725 (Barbosa de Faria, 1946).

O escritor **Gastão Cruls**, companheiro de Barbosa de Faria na mesma expedição, informa que teve notícias sobre índios Caxiuanás vivendo nos rios Cachorro e Jacicuri, afluentes do Trombetas e estes afirmavam ser remanescentes dos Pauxi (Cruls, 1973).

A respeito dos Uaboí, **Hilbert** informa que a atual vila de Faro teria sua origem a partir de uma aldeia dos índios *Uaboí* ou *Jamundás*, que estava localizada na confluência do rio Pracutú com o Nhamundá. Essa aldeia foi catequizada pelos capuchos de Nossa Senhora da Piedade e segundo informações que o autor compilou dos *Annaes do Archivo Publico do Pará, "o local escolhido pelos índios não possuía condições para um desenvolvimento do povoado, não só pela natureza do terreno, como pelo clima, razão pela qual os missionários a transferiram para o lago onde hoje está ... e collocando-a sob o padroado de S. João Baptista, deram-lhe a denominação de aldêa dos Jamundás, à qual chamaram também Nhamundá ou Nhiamundá"* (Hilbert, 1955:9)

Sobre o mesmo episódio, conta-nos **Barbosa de Faria** que embora os Uaboí houvessem fugido da colonização "*tiveram de se avir com ela, porque, em breve, aí*

---

[3] *Cracidae sp*

irromperam os capuchos da Piedade para catequizá-los. Apesar das prevenções de que estavam possuídos os selvícolas contra os civilizados, tudo indica que os religiosos puderam, desde logo, entregar-se a realizações, sem encontrar qualquer relutância por parte dos Uaboí. Uma dessas realizações foi a transferência da tribo, da foz do Paracatu para o sítio depois conhecido por Algodoal, onde foi então estabelecida a colônia de Piedade do Jamundá. ....A colonização dos Uaboí, pois obedecia, evidentemente, a um plano de largas proporções: e muito se esperava da ação dos missionários, quando êles foram, compelidos a abandonar o empreendimento, por fôrça das leis de 6 e 7 de junho de 1755, que estatuíram a liberdade dos índios e a secularização das colônias indígenas. Em 1758, com efeito, inaugurou-se o regime criado por estas leis. Efetivou-se a destituição dos catequistas e a colônia da Piedade de Jamundá foi elevada à categoria de vila com o nome de S. João Baptista de Faro" (Barbosa de Faria, 1946:7). Os Uaboí a aceitaram, as novas mudanças instituídas pelo capitão geral do Grão Pará Mendonça Furtado e a vila viveu anos de tranqüilidade, porém "*em 1798, entraram normas administrativas, que colocaram os indígenas sob a sanção de regulamentos draconianos*" (Idem:7). Assim, em 1801, os indígenas se sublevaram e travaram uma batalha sangrenta. Depois disso, abandonaram a vila e fugiram para o interior das matas dos rios Trombetas e Nhamundá. Até meados do século XIX, ainda se teve notícias da sua presença em serras próximas a vila de Faro, porém depois disso não houve mais nenhum registro (Idem; Hilbert, 1955).

Em 1868, o naturalista **Domingos Soares Ferreira Penna** esteve na região do rio Trombetas e Nhamundá e sobre Faro deixou registrado que "*apesar de achar-se colocada numa situação das mais agradáveis da província, presumo que a vila dificilmente poderá reassumir sua tal ou qual prosperidade, que fluíra na época em que abundavam índios, os quais, obrigados pelos missionários e membros do diretório, entregavam-se a agricultura e outras indústrias úteis .... Os índios que habitavam a bacia superior do Trombetas devem ser os restos ou descendentes da heroica nação dos Caribas, que os velhos conquistadores espanhoes exterminaram e perseguiram a ferro e fogo, aviltando-os com o apelido de Canibais...Grande número desses infelizes são hoje escravos dos escravos refugiados nos Mocambos, e suas filhas lhes são arrancadas para amazias desses mesmos negros que dominam, como senhores absolutos aquela região*" (Ferreira Penna *apud* Hilbert, 1955).

Em 1874, o botânico **João Barbosa Rodrigues**, viajando pelos rios Trombetas e Nhamundá encontrou várias áreas contendo vestígios arqueológicos e foi o primeiro a atribuir à cerâmica da região aos *Cunurys* e *Uaboy*. Informando sobre a antiga colônia

missionária de Nossa Senhora da Piedade diz que lá foram aldeadas quatro tribos *Cunuris*, *Cherenas*, *Paracoianã* e *Paracuatá*, as quais mais tarde teriam se reunidos os *Uaboys* do Trombetas (Barbosa Rodrigues,1875).

Depois desse período raras expedições estiveram na região, pois como bem observa Hilbert, embora à época compreendida entre o fim do século XIX e o inicio do século do século XX tenha sido o de maior atuação e projeção do Museu Goeldi e do Museu Nacional, estes não tiveram nenhuma atuação na área do Nhamundá e Trombetas. A única referência sobre a presença de sítios arqueológicos que constam no Boletim do Museu Goeldi, é uma rápida descrição do geólogo Orville Derby (Derby, 1897-98). A outra referência vem de Olga Coudreau que informa sobre alguns sítios de gravuras rupestres no rio Erepecurú (Hilbert, 1955; Pereira, 2003).

Ao tratar de sua própria expedição ao baixo Nhamundá-Trombetas, realizada em 1952, Hilbert informa que não existiam mais índios na região, porém mais para o Norte, no curso médio do Trombetas e do Nhamundá e em seus afluentes, ainda havia vários grupos indígenas assentados, embora seus artefatos cerâmicos não revelassem nenhuma semelhança com a cerâmica arqueológica encontrada na área. Pertencem quase todos ao grupo Caraíba (Karib?) e, segundo Frikel, estavam distribuídos da seguinte maneira:

"1) Grupo dialético Parú-Cotó, entre o Trombetas e Jamundá (Cachuíana, Furu-arú, cahviana, etc.) com cerca de 3.000 almas.

2) Grupo dialético Tirió-Pianacotó, entre o Trombetas e o Parú de Oeste (Tirió, Pianácotó, etc.) com cerca de 2.ooo almas

3) Aruak, nas nascentes do Trombetas e do Mapuera, com cerca de 600 almas" (Hilbert, 1955:11).

A partir do levantamento bibliográfico apresentado formulei um panorama abrangente das nações indígenas que viviam na área dos rios Nhamundá e Trombetas no momento do primeiro contato. De uma maneira geral, quase não existem informações específicas sobre aspectos sociais, políticos, religiosos, demográficos e também sobre a cultura material para essa região. A respeito da densidade populacional é possível, no máximo, propor uma estimativa sobre a quantidade de aldeias que existiam na região baseada nos relatos, já apresentados, de Carvajal (século XVI), Acuña, Rojas e Heriarte (século XVII). Segundo eles, a região compreendida entre o baixo Nhamundá e um pouco abaixo da foz do Tapajós era densamente povoada. Vários grupos indígenas foram citados vivendo nas margens daqueles rios e também em aldeias mais para o interior. Ao realizar a

sinopse sobre as principais populações do alto e médio Amazonas nos séculos XVI e XVII, baseado no levantamento minucioso das fontes etno-históricas, o historiador Antonio Porro (1986) afirma que a região do baixo curso do Nhamundá até o do Tapajós passando pela foz do rio Trombetas e o estreito de Óbidos foi percebida por Carvajal como uma única e grande e província denominada de São João onde, em ambas as margens, existia uma grande quantidade de aldeias.

Essa situação de alta densidade populacional, descrita pelos cronistas seiscentistas e setecentistas, muda drasticamente já final do século XVII, mudança que se intensifica nos séculos seguintes com a instalação definitiva dos europeus na região. O jesuíta Samuel Fritz, em 1691 subindo o Amazonas constata a depopulação em vastas áreas nas encostas do rio ao observar que *"da foz do Tapajós à do Urubu, em quase 600 km das outrora populosas províncias dos Tapajós, Conduris, Tupirambarana e Arawak eram agora quatorze dias de viagem "sem povoado nem gente" (Idem: 65).*

As informações sobre povos que habitavam a região desde o século XVI até XX obtidas através do levantamento bibliográfico exposto acima foram sintetizadas no quadro 1 para facilitar sua visualização. Nesse quadro constam as seguintes informações: ano do registro da tribo, seu nome, locais onde foram registradas e as fontes. Foram considerados dois tipos de fontes: as diretas, ou seja, procedentes daqueles que tiveram contato direto ou receberam informações quando o grupo indígena ainda estava vivo; e as indiretas, ou seja, aqueles que fornecem apenas informações citando as fontes diretas ou coletam notícias que esses povos teriam vivido na região e naquele momento já estavam extintos. Duas obras serviram de apoio a este levantamento, uma vez que não tive acesso a todas as fontes. São elas: *O Povo das Águas* de Antonio Porro, 1996 e o *Mapa Etno-histórico de Curt Nimuendajú*, 1987. As referências citadas por Nimuendajú e Porro foram incluídas como informções primárias quando constam como tal na bibliografia de Porro. Por fim, consideramos apenas as informações sobre as tribos de maior recorrência, as mais antigas e as que têm sua localização geográfica próxima à área dos sítios arqueológicos que estudamos.

ANO	GRUPO INDÍGENA	LOCAL	FONTE
1541-42	Conduris	Rio Nhamundá	Carvajal, 1941
1637-39	Conduris, Bobuis, Aroases, Tabaos e Curiatós	Rio Trombetas	Heriarte, l874
1639	Conduris, Apantos, Taguaus, Cacarás	Rio Nhamundá e arredores	Acuña (apud Porro, 1996)
1667	Conduri	Região que abarca da foz do rio Nhamundá até a foz do rio Trombetas	Nimuendajú, 1987 baseado em Martius, 1867, Fritz, 1900 e 1918, João de São José, 1848, Acuña, 1865, Heriarte, 1874, Cruz, 1879, Bettendorff, 1910, Noticiário Maranhense 1919
1691	Cunurizes	Rio Trombetas	Hilbert, 1955 apud Fritz 1900
1691	Jamundá	Médio Nhamundá	Nimuendajú 1987 baseado em Fritz 1900 e 1918, Bettendorff 1910
Até 1725	Uaboí, Conori, Querena, Paracoimã e Paracuatá,	Bacia inferior dos rios Nhamundá e Trombetas	Barbosa de Faria, 1946 baseado em Barbosa Rodrigues, 1875.
Até 1725	Pauxi	Colônia de Piedade do Nhamundá (Faro)	Barbosa de Faria, 1946 baseado em Barbosa Rodrigues, 1875
2° metade do séc XVIII	Bobouis, Jamundá, Paruacotó, Uaboís	Vila de Faro	Porro 1986 baseado em Noronha, 1862; Sampaio, 1825, Ferreira 1894, Braum 1873.
1763	Jamundá	Médio Nhamundá	Nimuendajú 1987 baseado em Fritz 1900 e 1918, Bettendorff 1910.
1801	Uaboí	Florestas interiores dos rios Nhamundá e Trombetas	Barbosa de Faria 1946 baseado em Barbosa Rodrigues 1875
1850	Uaboí	Médio Nhamundá	Nimuendajú 1987 baseado em Coudreau 1899
1874	Pinaghotós, Charumás, Tumayanas e Arequenas	Rio Trombetas	Barbosa Rodrigues 1875
1877	Pauxi	Rio Erepecuru	Nimuendajú 1987 baseado em Coudreau 1901 e Frikel informações pessoais.
1900	Pauxi	Cabeceiras dos rios Água Fria, Penecura, e Acapú Bayos afluentes direitos do baixo Erepecuru	Coudreau 1901 apud Hilbert 1955
1900	Pauxi	Rio Erepecuru	Nimuendajú 1987 baseado em Coudreau 1901 e Frikel informações pessoais.
1914	Pauxi	Rio Erepecuru	Nimuendajú 1987 baseado em Coudreau 1901 e Frikel informações pessoais.
1928-29	Caxiuanás	Rios Cachorro e Jacicuri afluentes do Trombetas	Cruls 1973
1952	Cachuíana, Furu-arú e Chaviana	Entre o Trombetas e Nhamundá	Hilbert 1955 baseado em Frikel informações pessoais
1952	Tirió e Pinacotó	Entre os rios Trombetas e Paru de Oeste	Hilbert 1995baseado em Frikel informações pessoais
1952	Aruak	Cabeceiras dos rios Trombetas e Mapuéra	Hilbert 1955 baseado em Frikel informações pessoais

Quadro 1 – Síntese das informações bibliográficas sobre os povos que habitaram a região do rio Trombetas desde o século XVI até o XX.

É possível perceber no quadro acima que as tribos mais recorrentes são os Konduri aparecendo seis vezes, os Pauxi cinco vezes, os Uaboí quatro vezes, os Jamundá três vezes e, finalmente os Bobui, duas vezes. Os **Konduri** seriam os mais antigos habitantes da região tendo sua presença registrada no período de **1541 a 1725**, localizados ora no rio **Nhamundá**, ora no rio **Trombetas**, sendo que até 1691 foram citados por fontes **contato direto**. É sobre os Konduri a única referência a respeito da produção de cerâmica, fornecida por Heriarte.

Os **Pauxi** são registrados no período de **1725** a **1914,** sempre citados por fontes de **contato indireto** e aparecem localizados no rio **Erepecuru** e uma única vez na **Missão Piedade do Nhamundá** que daria origem a cidade de Faro. Em sua interpretação dos dados históricos Hilbert (1955) considera que os Pauxi seriam oriundos do rio Xingu[4] onde permaneceram pelo menos até 1660, depois teriam se deslocado para o rio Trombetas, como sugere ao mencionar a construção do Forte Pauxis em 1697 e a existência de um lago homônimo. Embora as tribos que deram origem a Vila de Óbidos, tenham seus nomes desconhecidos, o autor parece sugerir que uma delas poderia ser os Pauxi. Interessante perceber que os Pauxi foram citados entre as tribos que originaram a vila de Faro, como já mencionado acima.

O fato é que Hilbert, baseado no argumento de Nimuendajú, sugere que existe uma relação entre o grupo indígena que aparece no Xingu em 1658 e aquele que é registrado em 1725 no Nhamundá e depois no Erepecurú. Porém, a observação do mapa do próprio Nimuendajú parece sugerir outra coisa. O grupo Pauxi que está localizado no rio Amazonas próximo ao Xingu em 1660 é considerado Tupi, enquanto o grupo que aparece entre o rio Trombetas e Erepecurú com datas de 1877, 1900 e 1914 foi classificado como Karib. Hilbert em seu histórico menciona apenas a origem Karib das palavras coletadas por Coudreau como também a definição de Nimuendajú para palavra Pauxi. Diante disso, é possível aventar a possibilidade que dois grupos indígenas, por ter nomes parecidos, tenham sido registrados com o mesmo nome a exemplo dos vários grupos Arara que têm origens diferentes (Galúcio, informação pessoal).

Os **Uaboí** aparecem de **1725** até **1850**, sendo quase sempre citados por fontes de **contato indireto** (há apenas uma citação direta), localizados nos rios **Nhamundá e Trombetas** e como uma das tribos que foram aldeadas na **missão do Nhamundá** (Faro).

Os **Jamundá** foram registrados por **contato direto** entre os anos de **1691 a 1763** e estariam localizados no **médio Nhamundá** e também seriam um dos grupos aldeados na **missão do Nhamundá**. Barbosa de Faria considera que os Uaboí e os Jamundá sejam o mesmo grupo, tanto que apresenta na primeira parte do seu artigo de 1941 intitulado de *Escôrço Histórico*, o subtítulo

---

[4] Não foi inserida no quadro a referência dos Pauxi localizados no Xingu, que consta no mapa de Nimuendajú, por estar fora dos limites da área geográfica aqui estudada.

A Tribo Uaboí ou Jamundá. No mapa de Nimuendajú foram tratados como grupos diferentes, estando ambos situados no rio Nhamundá, porém em locais diferentes e registrado em anos diferentes.

E finalmente os **Bobui**, que foram registrados em **1638-9** e depois voltam a aparecer na **segunda metade do século XVIII**; sendo registrado uma vez por **contato direto** e outra por **indireto**; e foram localizados uma vez no rio **Trombetas** e outra como uma das tribos aldeadas na **missão do Nhamundá**. Não há referência desse grupo no mapa de Nimuendajú.

Os grupos que habitavam há mais tempo a região e cuja existência foi registrada por fontes diretas seriam os Konduri, o Bobui e os Jamundá. Entre eles, os Konduri são aqueles que apresentam permanência e visibilidade mais contínua na região, sendo registrada sua presença desde o século XVI até ao século XVIII. Também é o grupo que foi registrado diretamente ligado à produção da elaborada cerâmica na região. Uma rápida consulta ao mapa de Nimuendajú a respeito a qual grupo lingüístico pertenceria às tribos que habitavam a região mostra que a área era domínio Karib.

As informações sobre os aspectos de organização sócio-política e religiosa praticamente não existem. Porém, se considerarmos a informação de Heriarte que os índios do rio Trombetas possuíam "*os próprios ídolos, cerimônias e governo que têm os Tapajós"* associada à afirmação, já citada de Porro sobre a existência de uma uniformidade nas regiões Nhamundá e Trombetas de um lado e Tapajós de outro – a província de São João - podemos supor que havia semelhanças na organização social, política e religiosa entre as duas áreas.

Os relatos históricos informam que os Tapajó estavam organizados em aldeias com 20 a 30 famílias, onde os membros de cada família viviam juntos em casas coletivas (Cruz, 1900). Os grupos familiares possuíam líderes (chefes), a quem deviam obediência. Além dele, existia um chefe geral, ao qual os líderes familiares se submetiam (Heriate, 1941). Porro (1996) interpreta a informação de Carvajal, já citada aqui, obtida de um índio aprisionado que diz que o senhor da região onde se encontravam era dominado por grupos que viviam mais para o interior (as Amazonas), afirmando que "*os Conduris ..... estavam numa posição de vassalagem em relação a uma tribo do alto Nhamundá, que uma tradição pan-amazônica dizia ser de mulheres guerreiras, as* ***conioupuyaara*** *ou* ***cunhãpuiára****, em que os europeus identificaram as amazonas*" (Porro, 1996:33). Complementando, Porro considera que as províncias consistiam de áreas estabelecidas e socialmente estratificadas, onde existia um poder político centralizado que se impunha aos grupos locais (idem:101).

Ao que parece, os Tapajó construíam caminhos destinados ao deslocamento entre as aldeias, pois evidências desses caminhos foram encontradas entre as terras pretas. Eram feitos

quase em linha reta e tinham aproximadamente um metro e meio de largura e trinta centímetro de profundidade (Barbosa Rodrigues, 1875; Nimuendajú, 1949). Se considerarmos a existência de grandes aldeias no interior mencionadas por Carvajal, é possível que caminhos semelhantes a esses existissem na região do Nhamundá-Trombetas fazendo a comunicação entre as aldeias próximas às margens dos rios e as do interior.

2. As Primeiras Incursões e as Pesquisas arqueológicas[5]

A partir dos meados do século XIX as expedições ao rio Amazonas e seus afluentes tomaram um impulso totalmente novo que não era definido apenas pelas políticas de conquista, pelo interesse no descobrimento de novas terras e a pela incumbência de conversão de povos "bárbaros" ao cristianismo. Essa nova investida ao Amazonas era caracterizada mais pelo estudo da natureza de uma maneira racional, como pregavam os novos valores científicos do movimento Iluminista que reinava a Europa naquela época (Barreto & Machado, 2001).

É nesse contexto que entre os anos de 1871 e 1874 o botânico **João Barbosa Rodrigues** foi designado pelo Governo Imperial a realizar explorações nos rios Tapajós, Trombetas, Nhamundá entre outros da região amazônica. Barbosa Rodrigues embora fosse botânico tinha muita curiosidade pelos assuntos de arqueologia e tinha especial interesse nas áreas do rio Trombetas e Nhamundá, uma vez que os relatos de Carvajal fixavam nesse local a tribo das Amazonas (Fonseca Jr., 2004).

Em sua exploração na região do rio Trombetas o autor relata que encontrou na serra dos Canurys *"vestígios em fragmentos de louça dos antigos Cunurys e Uaboys"* (Barbosa Rodrigues,1875:9). Como já mencionado ele foi o primeiro a atribuir a cerâmica encontrada na região aos Konduri e Uaboí. Relata ainda que *"Percorrendo ....roças encontrei signaes de extincta maloca nos numerosos fragmentos de louça que haviam espalhados. Entre esses fragmentos encontrei alguns com forma de animais, entre eles um representando bem a cabeça de um jacaré"* (Ibid:19).

Além de suas observações sobre os sítios e materiais cerâmicos, elaborou um mapa apresentando a região de proveniência das Ykamiabas (Amazonas) e dos ídolos de pedra (Figura 1). Aliás, a sua maior contribuição ao desenvolvimento da arqueologia foi concernente aos ídolos de pedra e muiraquitãs, sobre os quais fez uma publicação em dois volumes reunindo todas as informações, as imagens e suas teorias sobre a origem dessas peças. O autor travou um profundo debate com outros intelectuais da época como Ladislau Netto, José Veríssimo, Emilio Goeldi,

[5] Neste tópico apresento apenas informações gerais sobre as pesquisas arqueológicas. No capítulo II apresentarei as contribuições de cada autor para a Arqueologia da área Nhamundá-Trombetas.

Manoel Francisco Machado sobre a proveniência desses artefatos. Barbosa Rodrigues, Ladislau Netto e Goeldi defendiam a origem externa e Veríssimo, a autóctone (Barbosa Rodrigues, 1875; 1899; Veríssimo,1883). Embora discordassem sobre o local de origem, Barbosa Rodrigues e Veríssimo pareciam concordar que a função desses objetos era ligada ao universo espiritual.

As discussões sobre as origens das ocorrências arqueológicas oriundas da Amazônia tiveram grande repercussão e ganharam contornos nacionais e internacionais, tornando-se um dos principais focos de interesse de toda uma geração intelectual[6]. Embora muitas décadas tenham se passado e mais ídolos de pedra tenham sido descobertos, sua origem e a função ainda permanecem praticamente indefinidas, isso porque nenhum dos artefatos foi encontrado em escavações arqueológicas[7]. A mais recentemente contribuição sobre o assunto foi de Fonseca Jr. (2004) que sintetizou todas as informações disponíveis sobre os ídolos conhecidos. Ele reuniu informações sobre vinte ídolos[8] e estabeleceu três principais áreas de origem dentro da região do baixo Amazonas: 1) Trombetas; 2) Oriximiná/Óbidos; e 3) Santarém. Interessante notar que duas das áreas de ocorrência envolvem a região do rio Trombetas, onde foram encontrados doze ídolos, reafirmando a importância dessa região para as pesquisas arqueológicas (Figura 2).

---

[6] Segundo Sanjad (2005:89) "sistematizar e comparar informações sobre a pré-história amazônica era um assunto que ganhava cada vez mais adeptos e gerava disputas intestinas na intelectualidade brasileira" durante o século XIX e começo do século XX.

[7] As observações de B. Rodrigues (1875, 1899) e Veríssimo (1883) baseadas nos relatos de Carvajal e João Daniel relacionam a função desses artefatos como objetos de uso especial em atividades como a pesca, partos, casamentos e batalhas (Fonseca Jr., 2004:16).

[8] Quando Barbosa Rodrigues (1899) publicou sua obra existiam apenas seis ídolos conhecidos. Fonseca Jr. apresenta vinte, sendo que um inédito (Fonseca Jr., 2004). Mais três ídolos passaram a integrar a coleção do Museu Goeldi a partir de março de 2008, sendo que um foi o inédito apresentado por Fonseca e dois eram ainda desconhecidos.

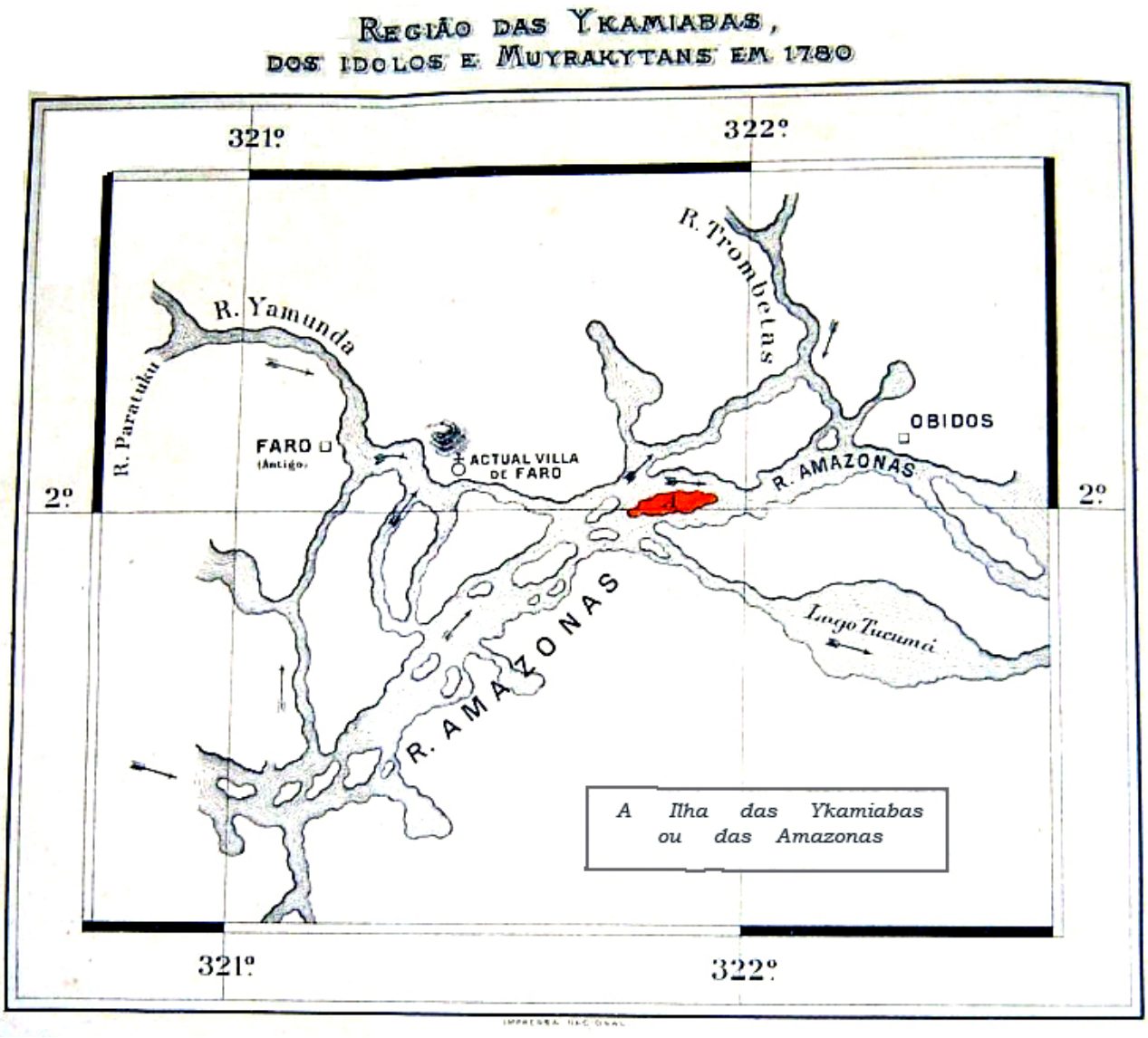

Figura 1- Mapa de Barbosa Rodrigues (1875). No mapa consta a seguinte legenda: "***Este mappa foi copiado de um levantado pelos astrônomos portuguezes em 1780, e serve para se ver as modificações que sofreu esta região com as alluviões do Amazonas e com o decrecimento do volume de suas águas, e outrosim mostra a ilha em que, segundo opinião minha habitaram as pretendidas Amazonas ou Ykamiabas, que ahi se perpetuaram pelos Muyrakytnas. Esta ilha em parte destruída n'este século, hoje, está ligada a margem norte indicada nesta planta pela lettra A e na que levantei, com o nome de Tauaquera das Amazonas, na costa do Peru.***

Comparando-se a 1ª carta do Amazonas do Padre Samuel Fritz, de 1690, com a de La Condamine, de 1743, esta de 1780, com a de Costa Azevedo de 1868 e com a minha (1874) vê-se a mudança extraordinária que modificou esta região, só n'estes últimos dous séculos."

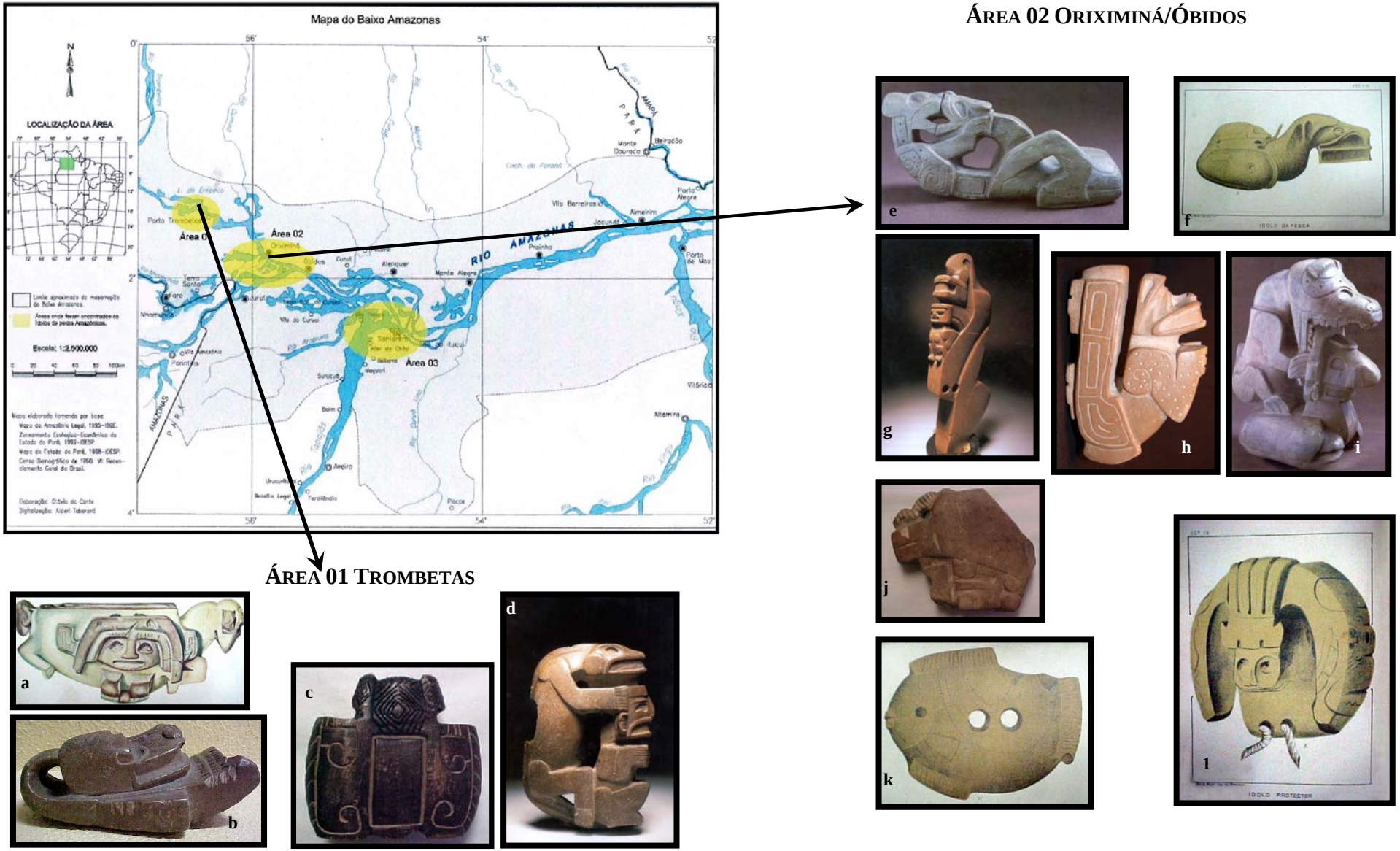

Figura 2 - Procedência dos ídolos de pedra conforme Fonseca Jr. (2004). Mapas e fotos adaptados de Fonseca Jr. (2004), exceto a foto do ídolo **h** que é de autoria de Edithe Pereira.

Já no século XX, entre os anos de 1923 e 1926, o etnólogo **Curt Nimuendajú**, viajou entre as regiões dos rios Tapajós e Trombetas registrando sítios arqueológicos e sempre que possível, coletando amostras de material. Registrou 65 sítios na região distribuídos deste a cidade de Santarém, passando pela região de Alter do Chão e Samaúma, pelo rio Arapixuna, pela margem sul do Lago Grande de Vila Franca até a margem direita do Amazonas. Suas descrições eram detalhadas contendo informações sobre a geografia do local, informações históricas e frequentemente mapas. A partir de suas pesquisas foi possível estabelecer semelhanças e diferenças entre o material arqueológico da região de Santarém e do Nhamundá-Trombetas; e também esboçou os limites geográficos dos dois estilos. Considerou os Konduri como o grupo que ocupava a área contígua a oeste dos Tapajó e como limite entre as duas áreas estava a Serra de Parintins (Hilbert, 1955; Gomes, 2002; Nimuendajú,1949, 2004).

Nimuendajú atuou na coleta e formação de coleções etnográficas e arqueológicas para museus nacionais e estrangeiros durante o início do século XX. Entre objetos que coletou estavam alguns ídolos de pedra que foram enviados ao Museu Etnográfico de Oslo, cujo diretor era Erland Nordenskiöld[9]. Sua opinião sobre esses objetos era discordante de Barbosa Rodrigues e Goeldi, que os explicavam como a simbolização da fraqueza do homem ante sua luta com a natureza. Goeldi interpretava as estatuetas como "*an immortalisation of very moment of the struggle between man and beast, when the indisputable victory of the latter finds its expression*" (Goeldi apud Nimuendajú, 2004). Nimuendajú achava mais provável que as estatuetas tivessem aspecto totêmico, onde as figuras representariam personagens mitológicos (Ibid).

Nos anos de 1928 e 1929 **João Barbosa de Faria**, etnólogo da expedição da Inspetoria de Fronteiras chefiada pelo general Cândido Rondon, realizou pesquisa na região do rio Trombetas. Esse levantamento arqueológico foi motivado pela doação de um vaso de pedra muito semelhante aos ídolos da região (Figura 8B). A curiosidade que despertou o objeto associado ao fato de haver na época pouco conhecimento arqueológico sobre a região[10] fez com que Cândido Rondon determinasse a realização de "*uma completa exploração no vale do Trombetas*" (Barbosa de Faria, 1946). Barbosa de Faria percorreu além dos dois principais rios, alguns igarapés, lagos e ilhas da região, registrando dezessete

---

[9] Nimuendajú coletou três e adquiriu outros três ídolos de pedra (Nimuendajú, 2000; Fonseca Jr. 2004; Nimuendajú, 2004).

[10] Embora Nimuendajú já estivesse atuado na região o resultado de suas pesquisas ainda não tinham se tornado públicos.

locais com terra preta e fragmentos de cerâmica[11]. Elaborou um mapa contendo a localização dos sítios e das áreas de terra preta (Figura 3).

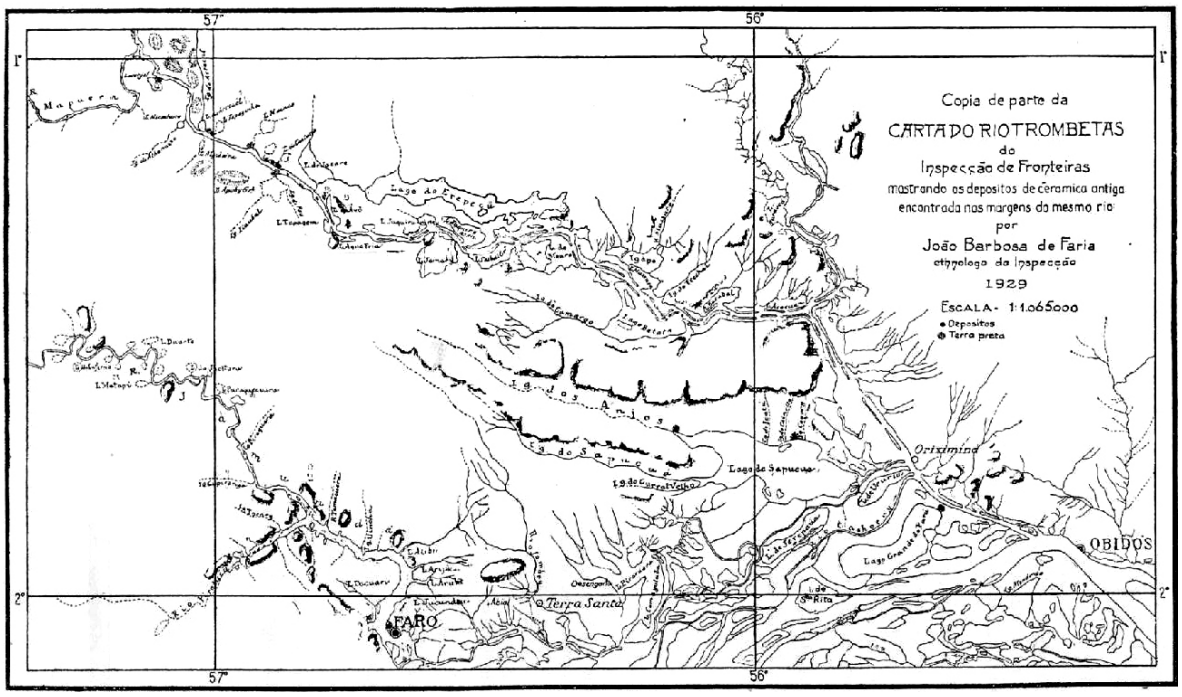

Figura 3 – Mapa elaborado por Barbosa de Farias (1946) indicando a ocorrência de sítios arqueológicos e áreas de terra preta na região dos rios Trombetas e Nhamundá.

Barbosa de Faria considerou que os sítios arqueológicos estavam associados aos índios Uaboí. Segundo ele *"aquêles despojos cerâmicos definiram, desde logo, o caráter exótico da civilização dos Uaboí, afastando em absoluto a idéia de qualquer parentesco entre este povo e as tribos autóctonas brasileiras. .... nos próprios símbolos e concepções configuradas na cerâmica, transpareciam idéias e um estilo mui peculiares à escultura pré-histórica andina; sendo plausível que se procurasse aí nas cordilheiras, a origem do povo do Trombetas."* (Barbosa de Faria, 1941:9). Seguindo esse raciocínio e buscando analogias, sugeriu que a origem dos Uaboí teria sido entre os Chibcha nos Andes colombianos[12].

A partir de suas observações definiu três características para os sítios arqueológicos da área. A primeira seria a presença de "*um reduto de argila negra,vulgarmente conhecida por* ***terra preta****....possivelmente são massas aluvionais que sedimentaram os lagos no passado*"

---

[11] Na margem esquerda do rio Trombetas os locais foram: Tapagem, Arrosal, Macacos, Caetano, Uaupés e São Nicolau; na margem direita, próximo a lagos registrou: Laranjal e Abuí ou Uaboí; no lago Sapucuá: Conorí, Cocaes (ou Coqueiros ou Cocal) e Anjos; nas ilhas: Paru, Jacopá, Bôtoas ou São João e Uapê; no Nhamundá, próximo Faro: Aldeia Velha.

[12] A atribuição de uma origem externa para a ocupação pré-histórica da Amazônia brasileira era a explicação mais aceita naquela época. Um exemplo disso é a correlação dos ídolos de pedra com sítios da Colômbia, Venezuela e Peru (Fonseca Jr. 2004).

(Ibid, 1941:23). A segunda era a presença de fragmentos de cerâmica e a terceira, sua localização em torno de um lago. A respeito da cerâmica, o autor observou o uso do cauixi como aditivo e a presença de decorações modeladas e incisas[13]. Segundo suas interpretações, as cerâmicas modeladas tinham funções essencialmente religiosas. Da cerâmica com incisões diz que os motivos eram exclusivamente retilíneos e elementares, "*com exclusão absoluta de delineamentos curvilíneos de qualquer ordem e também de figuras antropomorfas, zoomorfas e floreais*" (Ibid, 1941:24). Não identificou o uso de pinturas. Propôs uma conexão dos elementos modelados com algumas representações mitológicas da cultura Chibcha. Considerava que a tribo Uaboí tinha uma relação de veneração com os lagos e os sítios arqueológicos encontrados em seu entorno seriam "*restos de práticas propiciatórias realizadas pelos índios*", e ainda assumia que o culto aos lagos "*foi um princípio dogmático na religião dos Chibcha,.... Em virtude de suas afinidades religiosas com os povos Chibcha, os Uaboí devem ser considerados um ramo dessa raça* " (Ibid, 1941:24). A cerâmica encontrada por Barbosa de Faria é a que foi classificada por Nimuendajú (Figura 4) como Konduri.

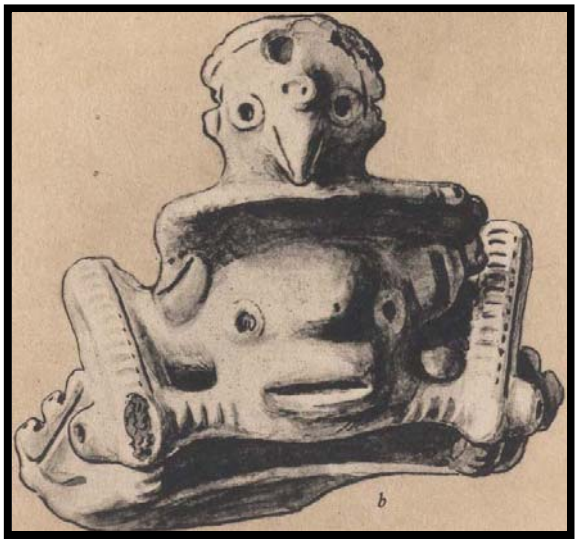

Figura 4 – Fragmento de cerâmica apresentado por Nordenskiöld (1930) proveniente do rio Nhamundá.

Erland Nordenskiöld publicou em 1930, um livro reunindo informações coletadas por Nimuendajú e por ele mesmo sobre as principais descobertas arqueológicas da Amazônia. Entre as fotos apresentadas no livro estão alguns fragmentos de cerâmica do Lago Sapucuá e rio Trombetas e dois ídolos de pedra provenientes um lugar chamado Sucuruju na margem esquerda do Trombetas (Figura 2d) e o outro do Lago Jacupá entre o lago Sapucuá e o rio Trombetas (Figura 2g). A cerâmica da região do Nhamundá-Trombetas, por suas semelhanças, proximidade geográfica e descrições etno-históricas, são sempre consideradas no âmbito da cerâmica de Santarém (Nordenskiöld, 1930).

Nordenskiöld considerou que na Bacia Amazônica existiram duas formas de ocupação evidenciadas pelo tratamento conferido aos mortos. A primeira se caracterizava pela

[13] O autor refere-se aos modelados como esculturas e as incisões como decoração linear.

presença de urnas funerárias, entre as quais estavam as encontradas nas ilhas de Marajó e Caviana, as da região de Cunani no norte do Amapá e as de Miracangüera no Amazonas. A outra forma, enterraria seus mortos diretamente no solo ou praticava a trituração e ingestão dos ossos. A prática de enterramento em urnas teria uma ampla distribuição que incluía a Bolívia e as Antilhas. Quanto à ingestão de ossos, seria de uso restrito em parte da Bacia Amazônica, especificamente em Santarém como registrado pelos cronistas (Nordenskiöld, 1930; Gomes, 2002).

O autor relacionou algumas características da cerâmica da região de Santarém e Nhamundá-Trombetas como as cabeças de pássaros modeladas, as cariátides e as bases trípodes com as de Santo Domingo nas Antilhas, Chiquiri no Panamá e Costa Rica. Na tentativa de explicar a dispersão dessas características pelas Antilhas, América Central e Amazônia, considerou a existência de migrações entre essas áreas, além das rotas de troca. Os grupos Arawak, que na época da ocupação européia foram encontrados desde a região do Grande Chaco até o litoral da Flórida, teriam sido os principais responsáveis por essa dispersão. Portanto, para Nordenskiöld a cerâmica dessa área seria de origem ou teria fortes influências Arawak. Apesar de não ter elementos para estabelecer a trajetória das migrações, propõe que a evolução da cerâmica seja assinalada pela transição da decoração modelada à pintada (Ibid).

Frei **Protásio Frikel** foi pároco de Oriximiná e Terra Santa entre as décadas de 1930 e 1950. Cumprindo os preceitos da vida religiosa viajou por toda a região e muitas vezes encontrou e coletou vestígios arqueológicos. Frikel não chegou a publicar nada sobre suas descobertas, porém prestou informações valiosas a Peter Hilbert através de relatos orais e cartas (Hilbert, 1955). Ele informou a presença de seis sítios no rio Trombetas. O material arqueológico por ele coletado encontrava-se na época no museu de sua Ordem, em Ipaurana, na Paraíba do Norte e parte foi doada ao colecionador Charles Townsend, morador de da cidade de Belterra no Pará (Ibid). A coleção Townsend encontra-se atualmente no Museu Paraense Emílio Goeldi e em estudo recente foram identificados exemplares provenientes do município de Oriximiná e de Terra Santa (Rosa, 2004).

Na década de 1950, **Peter Hilbert** realizou levantamento dos sítios arqueológicos na área do baixo-Trombetas até o Lago de Faro no curso inferior do rio Nhamundá[14] (Hilbert, 1955a; b; 1959). Nessa região encontrou quarenta e um sítios e registrou àqueles informados por Frikel. Hilbert dividiu a área prospectada nas seguintes regiões: Rio Trombetas, Baixo

[14]A área situava-se entre 55,40° e 56,50° de longitude Leste e 1,20° e 2,30° de latitude Sul

Cuminá-Erepecuru, Lago Salgado, Lago Sapucuá, Lago Piraruacá e Zona de Terra Santa (Figura 5). Fez coletas de superfície e em alguns sítios realizou escavações de 1m². De uma maneira geral, os sítios ficam localizados nas margens dos lagos e rios imediatamente acima do nível das águas e no topo das serras. Possuem em média entre 1 e 2 hectares, apresentam terra preta com profundidade variando de 30 a 60 cm apresentando baixa densidade de material com maior ocorrência na profundidade de 30 cm. A coloração do solo varia de preto a marrom. Com o material coletado acrescido do material que recebeu em doação e alguns exemplares da coleção particular de Frederico Barata, Hilbert realizou a primeira análise e classificação da cerâmica dessa região[15]. Identificou o uso de dois tipos de antiplásticos na confecção da cerâmica: cauixi e areia. Sendo que o uso do cauixi era mais freqüente e difundido em toda a região pesquisada; o uso da areia era mais raro e parecia estar restrito ao rio Trombetas. De um modo geral, classificou a cerâmica em três grupos diferentes: temperada com areia, estilo Konduri e estilo Globular.

Nos meados dos anos de 1970, Peter e Klaus Hilbert realizam novas pesquisas na área dos rios Trombetas-Nhamundá. Segundo Gomes (2002), este levantamento propõe não só em identificar tipos cerâmicos, mas, além disso, estabelecer uma cronologia para a área. Os resultados preliminares da pesquisa foram publicados na década de 1980. Dois sítios foram pesquisados, o Boa Vista localizado as margens do rio Trombetas e o Pocó localizado as margens do rio de mesmo nome, que é um afluente do rio Nhamundá. Nesses sítios foi identificada a presença de dois diferentes componentes cerâmicos, o do estilo Konduri mais recente a fase Pocó, mais antiga.

Em 1985, com a implantação de um pólo de exploração de bauxita na região pela empresa Mineração Rio do Norte, as pesquisas arqueológicas foram retomadas sob a perspectiva da Arqueologia de Contrato como seguem até hoje. Nos primeiros anos o projeto foi desenvolvido sob a coordenação do Museu Paraense Emilio Goeldi, quando 51 novos sítios arqueológicos foram registrados (Araújo Costa et al., 1985; Hilbert, 1988; Kalkman e Costa Neto, 1986; Lopes, 1981). Naquele momento, a coordenação coube a pesquisadora Fernanda de Araújo Costa. Entre os objetivos da pesquisa, além da prospecção e salvamento nas áreas impactadas pelas atividades de extração de bauxita, havia a preocupação em *"estabelecer a cronologia e a seqüência local de desenvolvimento da área de estudo"* para "*tentar reconstruir as várias etapas de ocupação, adaptação e povoamento pré-histórico da*

---

[15] Além dos fragmentos de cerâmica, Hilbert analisou uma pequena coleção de instrumentos líticos. Segundo ele a região apresenta uma grande variedade de formas entre as quais, identificou machados, cinzéis e raspadeiras. Identifica um tipo de machado como típicos da região (Hilbert, 1955: 69-70[Figuras 32, 33 e 34]).

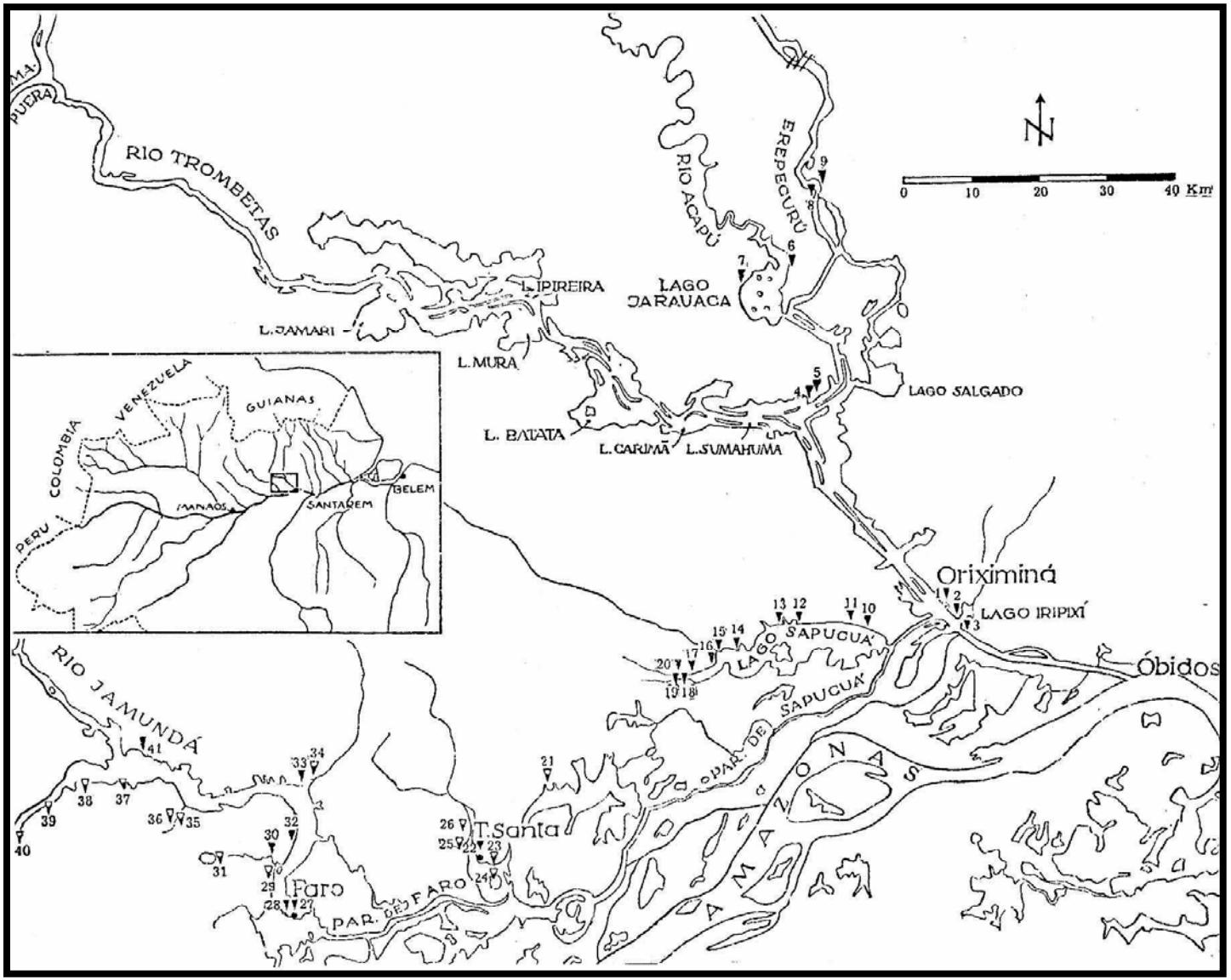

Figura 5 – Mapa confeccionado por Peter Hilbert. Os triângulos completamente pretos indicam os sítios visitados por Hilbert e os triângulos com pontas pretas indicam às informações de Protásio Frikel de sítios localizados próximo as cidades de Terra Santa e Faro e do rio Nhamundá (Hilbert, 1955).

área Nhamundá-Trombetas" (Araújo Costa et al, 1985:2). Para isso, foi delimitada uma área piloto que continha amostras de todos os ambientes típicos da região: flúvio-lacustre, serrano e de transição (Costa Neto & Kern, 1985). A área era uma faixa de cerca de 13km de largura por 33,5km de extensão, englobando parte dos lago Erepecu e Ajudante, o lago Moura, os platôs Papagaio, Periquito e Saracá. Infelizmente os objetivos não puderam ser alcançados, uma vez que as atividades do projeto foram interrompidas por motivos alheios a pesquisa.

Em 1988 houve a retomada do projeto, ainda sob a coordenação do Museu Goeldi, dessa vez tendo como responsável o pesquisador Klaus Hilbert[16]. A área prevista para investigação foi à região do baixo Trombetas compreendendo as áreas da vila de Porto Trombetas, as margens dos lagos Batata, Acari, Moura e platô Saracá. O projeto propunha uma pesquisa interdisciplinar envolvendo além da arqueologia, estudos geomorfológicos, botânicos e etnoarqueológicos. Para isso seria realizada prospecção intensiva a fim localizar outros sítios-habitação, sítios-oficina, terras pretas sem presença de cerâmica e locais com matéria-prima lítica. Apenas uma etapa de campo foi cumprida, onde se realizou uma extensa prospecção na área delimitada pelo projeto. Quarenta novos sítios foram cadastrados. O projeto também sofreu interrupção por motivos alheios à pesquisa.

Na década de 1990, a continuidade das atividades de pesquisa passa a ser coordenada pela empresa BRANDT Meio Ambiente. Os objetivos principais do programa eram "vistoriar áreas diretamente afetadas pelas atividades da MRN; e realizar um programa de capacitação técnica dos funcionários da MRN. Os objetivos secundários eram vistoriar os sítios arqueológicos já identificados nas outras etapas de trabalho e em outras pesquisas realizadas, para diagnosticar o atual estado de conservação; e vistoriar parte da área de influência indireta, no sentido de orientar os moradores e buscar subsídio para elaboração de um projeto específico de preservação e de conservação dos mesmos" (BRANDT, 1996; BRANDT, 1998a; BRANDT, 1998b). Durante o período de atuação dessa empresa foram vistoriados, na área de influência direta, os platôs Saracá e Papagaio; e na área de influência indireta, o Lago Batata e o Lago Moura. Foram registrados três novos sítios, sendo dois no Lago Moura e um no Lago Batata[17]. O trabalho dessa empresa foi interrompido em 1999.

---

[16] Embora em seu relatório K. Hilbert apresente o projeto como uma continuidade ao de 1985, os objetivos apresentados e as áreas de prospecção (exceto os platôs) são diferentes.

[17] Os sítios registrados pela Brandt, na verdade, já haviam sido registrados por Hilbert (1988, 1990) e Kalkman et al. (1986). A correção está em Guapindaia (2004).

No início do ano de 2001, as pesquisas arqueológicas de contrato são retomadas na região pelo Museu Paraense Emílio Goeldi[18], desta feita sob a coordenação de Vera Guapindaia. O projeto tinha como objetivo geral realizar prospecção e salvamento dos sítios arqueológicos nas áreas afetadas direta e indiretamente pela atuação do empreendimento. Além disso, previu a avaliação das condições de conservação de sítios arqueológicos já localizados às margens de rios e lagos e nas demais áreas de influência do empreendimento minerário e posteriormente, incluiu também investigações no ambiente subaquático (Guapindaia et al, 2001). Foram realizadas até o momento treze etapas de campo que incluíram: 1) a prospecção dos platôs Saracá, Periquito, Papagaio, Aviso, Almeidas, Bacaba, Bela Cruz, Teófilo, Cipó, Aramã, Greig e Monte Branco; 2) escavação de sete sítios encontrados na área dos platôs; 3) delimitação e escavação do sítio Boa Vista na margem esquerda do rio Trombetas; 4) prospecção dos lagos Moura e Batata; 5) iniciada a escavação em um sítio no lago Moura; 6) delimitação de cinco sítios no lago Batata; 7) iniciada a escavação de um sítio no lago Batata; e 8) mapeamento de um sítio de gravuras rupestres submerso no Lago Mussurá e o decalque de suas gravuras[19].

Informações sobre a arqueologia dos rios Nhamundá e Trombetas, também surgiram a partir dos estudos de coleções provenientes da região de Santarém, nas quais quase sempre existem associados, objetos e fragmentos da cerâmica Konduri, como demonstram os estudos de Palmatary (1939, 1960) Guapindaia (1993) e Gomes (2002). Abordaremos os trabalhos de Helen Palmatary e Denise Gomes por considerarmos serem aqueles que melhor caracterizam a cerâmica Konduri em estudos de coleções.

Em seu estudo Palmatary classificou tipos cerâmicos como *Non-Tapajó Wares* entre os quais inclui as *Wares Showing Basketry or Coth Impressions* e *Wares Decorated in Konduri Tradition.* Observou algumas características quando realizou uma análise comparativa entre uma borda tipicamente Tapajó e outra não-Tapajó. O material tipicamente Tapajó era macio, apresentava textura uniforme dentro e fora do fragmento, as espículas de cauixi eram pequenas e ocorriam em pouca quantidade. A borda não-Tapajó era áspera, apresentava igualmente textura uniforme, porém continha muitas inclusões de grãos de areia triturados; havia grande quantidade de espículas de cauixi dispostas em todas as direções no interior e a na superfície

---

[18] Pesquisa realizada através de convênio entre o Museu Goeldi, a Mineração Rio do Norte (MRN) e a Fundação de Amparo e Desenvolvimento da Pesquisa (FADESP). A partir de 2006 houve a substituição da FADESP pela Fundação Instituto para o Desenvolvimento da Amazônia (FIDESA).

[19] Pereira, E. et al. Arqueologia subaquática na Amazônia – documentação e análise das gravuras rupestres do sítio Mussurá, rio Trombetas, Pará, Brasil. (no prelo).

do fragmento. Conclui que aparentemente havia muito mais uso do espongiário e outros materiais silicosos na cerâmica não-Tapajó (Palmatary, 1960:64).

Sobre cerâmica Konduri, a autora diz que seu conhecimento a respeito da forma e do estilo decorativo está limitado, em sua maioria aos fragmentos, pois o número de vasos da região do Trombetas é muito limitado. Segundo ela, alguns cacos tipo Konduri encontrados na área Tapajó parecem ter textura mais macia do que os outros, enquanto que a ornamentação parece mostrar alguma influência Tapajó. Caracteriza a decoração Konduri por numerosos orifícios, alguns grandes outros pequenos, mas proporcionalmente profundos; os tipos de olhos encontrados são em forma "rosquinha" (*doughnut*), as vezes ligeiramente alongados; simples ou protuberâncias furadas (*pitted bulge*); as incisões são retas e paralelas ou retilíneas e quase sempre profundas; aparecem também pequenos cortes paralelos; os adornos são extremamente grotescos. Na coleção estudada existiam fragmentos bordas e corpos, adornos, alças, bulbos cônicos de bases trípodes e vasos oriundos tanto da área de Santarém quanto da Nhamundá-Trombetas (Palmatary, 1960:65-67).

Ao estudar a coleção tapajônica do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, Gomes (2002) definiu a existência de material Konduri, de Influência Konduri e Globular, que são tipos relacionados à área Nhamundá-Trombetas. Quanto ao antiplástico, autora confirmou o padrão definido por Hilbert que estabelece o uso do cauixi em quantidade abundante como principal característica. Nas peças classificadas como de Influência Konduri constatou o uso moderado de cauixi e da associação do caco moído e areia. E o estilo Globular apresenta como antiplástico em maior freqüência, a mistura de cauixi e areia. Nas técnicas decorativas observou que nos estilos Konduri e de Influência Konduri há utilização da modelagem, aplicação, incisão e principalmente do ponteado e pequenas incisões em profusão. Ocorre ainda o uso de engobo e pintura em bandas nas cores vermelho e preto, vermelho e preto e amarelo. No estilo Globular há o uso e apêndices modelados compostos pela sobreposição de seções esféricas, detalhes incisos e excisos, engobo vermelho e pintura vermelha sobre branca. Na iconografia dos estilos Konduri e de Influência Konduri percebeu a representação do urubu-rei, pássaros não reconhecíveis, cobras, jacarés, macacos e tartarugas. No estilo Globular observou figuras esféricas não reconhecíveis e pássaros.

A comparação entre as informações históricas e os resultados das pesquisas arqueológicas corrobora a idéia da existência de uma unidade cultural na área Nhamundá-Trombetas. A pesquisa arqueológica de Hilbert (1955) e Hilbert & Hilbert (1980) na área do baixo-Trombetas até o Lago de Faro no curso inferior do rio Nhamundá identificou dois componentes cerâmicos distintos: o "estilo Konduri", identificado nos níveis superiores da

estratigrafia e a "fase Pocó", identificada nos níveis inferiores. O estilo Konduri, mais recente, é relacionado, estilística e cronologicamente a cerâmica de Santarém, da foz do rio Tapajós. Esses dois componentes cerâmicos estão incluídos na tradição Incisa Ponteada da Bacia Amazônica, cuja antigüidade é situada, geralmente, entre 1000 a 1500 A.D. A fase Pocó, mais antiga, apresenta traços decorativos bastante variados, alguns lembrando os da tradição Barrancóide da Venezuela, que atualmente é relacionada a Tradição Borda Incisa, cuja datação é dos séculos IV e IX D. C. (301 a 900 D.C.). [20]

Por outro lado, segundo as informações históricas, vários grupos indígenas ocuparam a região desde o século XVI até a primeira metade do século XX. Entre esses, foram os Konduri aqueles registrados com maior persistência temporal entre os séculos XVI até o XVII. Associando esse fato à citação direta de que eram produtores de cerâmica elaborada e considerando a dispersão por essa área de um tipo de cerâmica com traços diagnósticos bem definidos, pode-se considerar os Konduri como o principal componente desse universo cultural mais tardio. Portanto, ao juntar os dados disponíveis da arqueologia com as informações históricas, pode-se inferir que os Konduri viveram na região do século XIII ao XVII.

3. As Terras Pretas na área do rio Trombetas

Outro aspecto que é fundamental no entendimento da ocupação da pré-história da Amazônia é a ocorrência de Terra Preta ou Terra Preta de Índio ou Terra Preta Arqueológica (TPA), nas quais está localizada a maioria dos sítios arqueológicos da Amazônia Brasileira, caso também da região da bacia do rio Trombetas.

Os solos de terra preta são resultados da ação humana no passado que modificou/adaptou/interagiu com a paisagem ao seu redor. Quanto ao seu processo de formação, isto é, se as modificações foram realizadas de maneira intencional (antropogênica) ou não intencional (antrópica), ainda é questão de debate entre os especialistas (Erickson, 2003; Lehmann et al, 2003; Neves et. al, 2003), porém não há dúvida de que sejam, ao lado dos fragmentos cerâmicos, um dos melhores indicadores de sítios arqueológicos na Amazônia[21].

Para a região do Nhamundá-Trombetas, Nimuendajú (2004), Barbosa de Faria (1946) e Peter Hilbert (1955), fizeram várias considerações e observações sobre as terras pretas. Nimuendajú (2004) considerou como característica dos sítios dessa região o solo de terra

[20] Na década de 1970 K. Hilbert retornou ao sítio Boa Vista, onde realizou mais escavações e obteve datações mais antigas para a cerâmica Pocó (1375 a 870 a. C.) (Gomes, 2002).

[21] Barbosa de Faria registrou um comentário popular nas vilas ribeirinhas do Trombetas que ilustra bem esse fato, que é: "onde há terra preta, há careta" (1946:14, também citado por Hilbert, 1955:13).

preta e defendia que sua origem era antropogênica. Acreditava que a terra preta é o resultado e não a causa das habitações indígenas. Na região dos rios Nhamundá-Trombetas, Nimuendajú (2004:15-157) registrou cinco terras pretas, sendo duas em área de lago, duas em serras e uma em um barranco.

Barbosa de Faria (1946), a semelhança de Nimuendajú, também considerava a terra preta uma das características fundamentais dos sítios arqueológicos da região, tanto que produziu um mapa com a sua localização (Figura 3). O autor registrou que dois sobreviventes quilombolas "*descreveram o aspecto das terras prêtas, quando os quilômbolas as ocuparam: vastos estendais de objetos de barro e de sílex: vasos, esculturas, mós, machados e rocas – tudo despedaçado e em promiscuidade; uns, apenas mutilados, outros reduzidos a estilhaços*" (1946:13). Observou ainda que a profundidade da terra preta, nos testes que realizou não alcançava um metro de profundidade.

Hilbert registrou que eram de tamanho relativamente pequeno, variando de 1 a 8 hectares, cujas localizações podem estar tanto próximas às margens dos rios e lagos, fora da faixa de enchente ou no alto das serras de 40 a 50 metros que acompanham o curso inferior do rio Trombetas e do Nhamundá. Ocorrem distribuídas em seqüência nas margens dos cursos d'água. Quanto a textura, o autor registrou que os habitantes da região identificavam dois tipos de terra preta, o primeiro que chamavam de *terra preta solta*, que é leve e pouco compacta e que seria pouco apropriada para plantação. O segundo tipo seria a *terra preta carocenta*, sólida e úmida que forma pequenos torrões. (1955:13-14).

Quanto à profundidade, afirmou que de acordo com os testes realizados, que variava entre 30 e 60 cm. Observou que os vestígios cerâmicos ocorriam em densidade variada, porém com maior concentração onde a camada de terra preta era mais escura que era por volta de 30 cm de profundidade e diminuíam na medida em que o solo ia ficando mosqueado. Ressalta a presença constante de restos de carvão em toda a extensão e profundidade da terra preta (Hilbert, 1955:15).

Hilbert registrou que os moradores da região referiam-se a existência de terras pretas em diversos pontos no interior, especialmente nos chamados ***altos***, locais de onde não havia nenhuma referência que algum dos seus antepassados terem feito roças, pois ficavam muito distantes das margens dos rios e lagos onde habitavam. Porém, os que já haviam estado em tais áreas, afirmavam existir fragmentos de cerâmicas semelhantes aqueles encontrados nas suas atuais roças (1955:18).

Os moradores informaram a Hilbert da existência de terras pretas próximo aos igarapés Saracá, Araticum e dos Anjos e nas serras do Sapucuá, Valha-me-Deus e Alemã

(1955:18), indicando a ocorrência de sítios nas áreas de interflúvio, o que se confirmou com os levantamentos realizados mais tarde por Hilbert & Hilbert (1980) Guapindaia et al (2001, 2005, 2007).

Na década de 1990 os pesquisadores Dirse Kern, Nestor Kampf e Marcondes Costa realizaram pesquisas pedológicas e de análise da composição química e física de fragmentos cerâmicos em dois sítios as margens do alto rio Trombetas, localizados na região de Cachoeira Porteira acima de Porto Trombetas. As pesquisas pedológicas, partindo da caracterização dos perfis de solo com terra preta, estudaram as modificações físicas e químicas causadas pelos antigos assentamentos ao solo original com o objetivo de contribuir com métodos mais eficazes de delimitação dos sítios arqueológicos. Segundo os autores, as terras pretas da região caracterizam-se por apresentar distribuição regular, ter forma circulares medindo de 1 a 8 hectares e por localizarem-se próximas uma as outras e assentadas sobre o latossolo amarelo.

As conclusões desses estudos apontaram como bons marcadores da área dos sítios arqueológicos os seguintes elementos: cálcio, magnésio, zinco, manganês, potássio e carbono. Essa pesquisa constatou que a atividade humana ao invés de degradar o solo, promoveu sua fertilização, o que justifica a procura dessas áreas pelos atuais moradores da região para agricultura (Kern, 1988; Kern & Kampf, 1989; Costa et al. 2004a).

As análises químicas e físicas realizadas com os fragmentos cerâmicos de uso doméstico além de obter a composição química e física para cada aditivo identificado constataram que alguns elementos - como o fósforo, bário, zinco, chumbo e outros - foram incorporados depois da confecção das vasilhas provavelmente durante o uso diário ou depois de seu descarte. A conclusão dos autores é que esses elementos foram incorporados através de reações derivadas da cocção de alimentos vegetais e animais. Sugerem ainda ser possível que as reações tenham continuado após o descarte do vasilhame, o que poderia ter contribuído para a formação da terra preta (Costa et al, 2004b).

As pesquisas desenvolvidas no âmbito desse projeto vêm constatando que além dos sítios de terra preta - que, de fato, são a grande maioria e os que apresentam grandes dimensões - existem outros, cujo solo não é terra preta, mas um solo mais claro e, em alguns casos, bastante amarelado. Os sítios sem terra preta foram encontrados em menor proporção, sempre na área de interflúvio e com baixa densidade de material. Coletas sistemáticas de solo foram realizadas tanto em sítios com terra preta como nos outros, porém os resultados da análise ainda não estão disponíveis.

4. A ÀREA DO RIO TROMBETAS NO CONTEXTO DOS MODELOS DE OCUPAÇÃO DA AMAZÔNIA

Os modelos explicativos para a ocupação da Amazônia apresentam um quadro, onde pouco antes do descobrimento ao longo das várzeas dos rios Amazonas e Orenoco haviam sociedades hierarquizadas e complexas, denominadas de cacicados. Foi a partir da interligação das informações dos cronistas com a presença dos vestígios arqueológicos encontrados nas várzeas do rio Amazonas e seus afluentes – em especial os objetos cerâmicos com pinturas policrômicas [22] e com profusão de incisões e excisões[23]; e objetos líticos confeccionados de maneira sofisticada [24] - que surgiram as formulações de hipóteses sobre a existência dessas sociedades complexas na Amazônia (Lathrap, 1975; Carneiro, 1970; Roosevelt, 1987).

O trecho do rio Amazonas entre baixo curso do rio Nhamundá, passando pelo rio Trombetas e o estreito de Óbidos até alcançar o rio Tapajós é uma das áreas apontadas nos relatos etno-históricos com densas populações e a ocorrência de artefatos cerâmicos e líticos elaborados. Especificamente na região nas fozes dos rios Nhamundá e Trombetas, teria existido um grupo indígena chamado Konduri que dominava a região e produzia objetos cerâmicos que chamaram a atenção dos europeus. Houve, inclusive, relatos sobre a existência de aldeias sob o domínio desses índios localizadas mais para o interior. Essa informação sugere que os Konduri poderiam ter uma organização social e política articulada com poder suficiente para dominar uma vasta região, o que é compatível com algumas características das formações sociais do tipo cacicado (Machado, 2005:775).

Ídolos, contas e pendentes (muiraquitãs) de pedra são vestígios que também indicam a existência de sociedades complexas na região do baixo Amazonas. A criação desses artefatos é considerada uma forma de demonstrar prosperidade, sucesso e poder com o objetivo de solucionar problemas ou cumprir obrigações sociais, como atrair parceiros produtivos, trabalho e aliados ou unir membros de um grupo social (Hayden,1998:11). A presença desses objetos foi registrada pelas fontes etno-históricas desde o século XVI até ao XIX, onde se menciona que eram considerados altamente valiosos (Boomert, 1987)[25].

---

[22] Exemplos de policromia são as urnas, vasos, estatuetas e outros objetos encontrados na Ilha de Marajó.

[23] A cerâmica de Marajó também apresenta motivos com elaboradas técnicas de incisão e excisão adornando os objetos associados ou não as pinturas.

[24] Aqui se podem citar como exemplos os ídolos de pedra, muiraquitãs e contas provenientes das regiões dos rios Tapajós, Trombetas e Nhamundá.

[25] The “Amazon-stones” were typically worn in necklaces by women. Ralegh (1848:29) writes that on the Lower Orinoco “commonly euery king or *Cacique* hath one, which their wiues for the most part weare (Boomert, 1987:35).

Segundo Boomert (1987:36-37) as fontes documentais não deixam dúvidas que entre as elites das chefias das várzeas do Amazonas e Orenoco esses artefatos de pedra eram um dos principais elementos de troca em eventos como casamentos, cerimônias de paz e negociações de consolidação e manutenção de alianças políticas.

As regiões dos baixos cursos dos rios Nhamundá, Trombetas e Tapajós foram consideradas como um dos centros de manufatura desses objetos que foram associados com as ocupações pré-históricas dos Konduri e Tapajós (Boomert, 1987:40). O artigo citado enfoca apenas os pingentes e contas, porém tendo em vista a sobreposição de áreas de ocorrência (Fonseca Jr., 2004) é perfeitamente admissível considerar que os ídolos também fossem parte integrante desse grupo de artefatos usados em trocas cerimoniais e políticas.

Um outro ponto que relaciona a cerâmica Konduri às sociedades consideradas complexas, é a semelhança com a cerâmica Santarém. Os resultados de algumas pesquisas arqueológicas já realizadas sobre o tema (Gomes, 2002; Guapindaia, 1983; Hilbert, 1955a), a presença concomitante desses estilos cerâmicos em alguns sítios e coleções (Gomes, 2002; Guapindaia, 1983) e sua ocorrência geográfica contígua, são dados que sugerem haver uma relação próxima entre essas duas cerâmicas.

Ao examinar questões relacionadas à origem do estilo Santarém e a expansão do Horizonte Inciso Ponteado, tanto Meggers como Lathrap reconhecem uma ligação histórica da cerâmica de Santarém com os estilos da Venezuela, explicada por migrações, enquanto Roosevelt descarta essa hipótese (Roosevelt, 1992:73; Gomes, 2002:66). Ela prefere apostar nos processos de aculturação, explicando a difusão temporal e espacial dos estilos cerâmicos a partir de processos de interação inter-regional. Roosevelt, embora não tenha dúvida sobre a origem autóctone dos cacicados amazônicos, admite a existência de uma relação estilística com a região do Orenoco e com a região caribenha da Colômbia e Venezuela, mas não consegue estabelecer em que nível ocorreu esse contato (Roosevelt, 1992:82). Em uma publicação posterior, a autora ainda apresenta essa questão como não resolvida, mas ressalta que na Amazônia a mudança da decoração policrômica para incisa ponteada é repentina, o que diminuiria as chances de apontá-la como o centro de origem (Gomes, 2002:66). Considerando não ter havido o aprofundamento da questão por Roosevelt, Gomes alerta que as hipóteses de migração de Meggers e Evans não devem ser desconsideradas (Ibid: 68).

Outro aspecto importante é o argumento de Porro (1996) que interpreta, a partir da descrição de Carvajal, o segmento entre o baixo curso do rio Nhamundá até o Tapajós como uma grande província, inferindo a existência de unidade cultural e possivelmente política para a região (compatível com a o sistema de cacicados), o que deixaria evidências na

cultura material. Hilbert, por outro lado, considera a existência de duas províncias estilísticas, o que pode ser interpretado como dois grupos distintos cujas relações foram estabelecidas a partir de permuta ou comércio (1955a: 72). Além das trocas cerimoniais, como as citadas para os artefatos líticos, Myers (1983), Porro (1986) e Boomert (1987) consideram que o comércio de produtos utilitários foi um aspecto importante na vida dos grupos pré-históricos na Amazônia. Esse comércio, rico e diversificado, envolvia especializações locais na produção e distribuição de mercadorias e as trocas abrangiam tanto as diversas regiões ribeirinhas como as áreas de terra firme. A existência de redes de comércio bem estabelecidas, além da circulação de mercadorias e bens pressupõe, obviamente, a circulação intensa de pessoas, possibilitando a troca de experiências e novos aprendizados.

Gomes (2002: 161), considerando a existência de redes, explica a relação entre as duas áreas como possível resultado da "existência de relações de interação entre unidades paritárias, entretanto subordinadas a um centro de poder". É através dessa interpretação baseada no conceito de *peer polity interaction* definido por Renfrew (apud Gomes, 2002: 161-62) que a autora explica a ampla distribuição de alguns estilos cerâmicos (Santarém e Konduri) que seriam copiados (Influência Santarém e Influência Konduri) por outras comunidades. Essa abordagem analisa as relações de dominação e subordinação em sociedades complexas, a partir das relações de interação espacial e de poder. Considera que as unidades sócio-políticas independentes localizadas próximas umas das outras, podem transformar-se em unidades territoriais, uma vez em que tendem a possuir instituições políticas semelhantes (religião, língua, etc.) o que poderia chamar de "mesma cultura" (Machado, 2005, 2006).

Segundo Gomes, o fato de várias comunidades compartilharem de uma mesma iconografia implica a existência de um mecanismo ideológico, difundido por meio de objetos e símbolos, o que poderia ser considerado como uma característica dos cacicados. Por fim, analisando a questão dos cacicados na região do Baixo Amazonas a luz de vários modelos teóricos e considerando os resultados da análise de uma coleção arqueológica proveniente da área, conclui que "os *insights* proporcionados por essa análise podem tanto se referir a sociedades igualitárias em processo de transição como a cacicados" (Ibid:166).

As informações etno-históricas e a ocorrência de vestígios arqueológicos sugerem ter existido até as vésperas dos primeiros contatos entre índios e europeus um sistema de organização sócio-político complexo, cujo centro político parece ter sido na região das fozes dos rios Nhamundá e Trombetas. A realização de investigações arqueológicas sistemáticas

nessa região seria fundamental para conhecer as dimensões, os níveis de complexidade e de interação entre os sítios a fim de estabelecer a hierarquização, o que levaria a validar ou refutar essa hipótese.

A área investigada nessa pesquisa fica em média cerca de 50 km a noroeste da foz do rio Trombetas. Se existiu algum centro político na região de Oriximiná ou do Lago Sapucuá certamente sua influência deve ter se disseminado por toda aquela região. Portanto, os sítios localizados às margens do terço superior do baixo curso do rio Trombetas e aqueles localizados na área interflúvio integrariam a área sob influência ou domínio dos Konduri. O que provaria a relação das aldeias localizadas no baixo curso do rio Trombetas com aqueles localizadas em sua foz e na do Nhamundá? Além da relativa proximidade geográfica, devem ser considerados aspectos como a semelhança do material cerâmico e a presença de sítios na zona de interflúvio entre os rios Trombetas, Nhamundá e Amazonas[26]. Resta estabelecer a relação entre os sítios localizados mais para o interior, longe das várzeas do rio Amazonas, porém apresentando cerâmica estilisticamente relacionada ao Horizonte ou Tradição Incisa Ponteada com os sítios mais próximos das fozes dos rios Trombetas e Nhamundá.

Hilbert & Hilbert (1980) definiram uma ocupação anterior ao estabelecimento dos Konduri, para a região dos rios Nhamundá e Trombetas, a Fase Pocó, que ocorre nas mesmas áreas dos sítios Konduri, mas em período anterior. Os Hilbert estabeleceram duas datas para essa fase: 65 ±95 a.C e A.D. 110 ± 90 (Hilbert & Hilbert, 1980:9), o que as coloca no "período imediatamente anterior à constituição das grandes aldeias com terras pretas que caracterizariam a ocupação humana dessa parte da região em épocas posterior" (Neves, 2006:56). Em publicações recentes (Neves, 2006; Lima, Neves & Petersen, 2006) transformam a fase Pocó em Tradição Pocó, argumentando que este é um fenômeno de dispersão mais amplo relativo à Amazônia Central e ao baixo Amazonas. A Tradição Pocó se caracteriza por depósitos profundos, alguns mais de 1 metro, datando de até 2.300 anos A. P. e por apresentar cerâmicas com decoração incisa e pintada.

Embora Hilbert & Hilbert (1980) tenham estabelecido a fase Pocó, a definição das características de sua cerâmica precisa ser refinada, como será abordado no capítulo 2. Outro aspecto de interesse a ser discutido é a distribuição dos sítios Pocó: será que estão restritos as margens dos rios ou também estão nas áreas de interflúvio? Caso, os produtores da cerâmica Pocó também tenham se estabelecido no interflúvio, esse fato, demonstraria que

[26] A existência de sítios relacionados à cerâmica Konduri na zona de interflúvio já haviam sido relatados por Hilbert (1955) e registrados por Lopes (1981) e Hilbert (1988).

a dinâmica de ocupação/exploração dos ambientes ribeirinhos e “interioranos” não seria uma característica de sociedades mais tardias na região.

E como teria acontecido a “transição” de Pocó para Konduri? Teria sido uma seqüência continua ou uma transição abrupta? E qual a origem da cerâmica Pocó? Neves (2006) argumenta que nos locais onde foram encontrados os sítios com cerâmica Pocó, esses sítios aparecem depois de um longo hiato de ocupação temporal. Considerando que as cerâmicas Pocó têm uma série de características decorativas comuns com outras identificadas na Venezuela, o autor propõe uma hipótese de que as populações produtoras dessa cerâmica tenham se originado no norte do continente e ocupado a Amazônia há aproximadamente 2.300 anos.